



## Sessão 47 | 25-novembro-2025 | BALBÚRDIA NO OESTE (1974)



Quando Mel Brooks realizou *Blazing Saddles*, em 1974, o western americano já se encontrava em crise. O género que durante décadas fora o espelho heroico da nação parecia ter perdido o fôlego e o significado. A América pós-Vietname, traumatizada e cínica, já não acreditava em cowboys de chapéu branco nem em fronteiras por conquistar. Foi nesse momento de desilusão que Brooks, vindo da comédia televisiva e do humor judaico nova-iorquino, decidiu desconstruir o mais americano dos mitos. O resultado foi uma das sátiras mais ousadas e iconoclastas da história do cinema: um western passado a pente fino pelo absurdo, pela paródia e pela irreverência total.

O ponto de partida é, aparentemente, convencional. Uma pequena cidade do Oeste é ameaçada por uma linha de caminho-de-ferro e por um político corrupto que deseja expulsar os seus habitantes para lucrar com o negócio. Para desestabilizar a comunidade, nomeia como xerife um homem negro, Bart (Cleavon Little). A ideia era provocar o caos; o que se segue é uma subversão brilhante e caótica das convenções do western. Brooks pega na estrutura clássica: a cidade, o xerife, o vilão, a donzela e vira tudo do avesso, expondo o racismo, o sexismo e a hipocrisia do imaginário americano.

Como Peter Bogdanovich, que homenageava os mestres com ternura e reverência, Mel Brooks faz o oposto: homenageia-os pelo riso, desmontando cada símbolo até revelar o seu vazio. *Blazing Saddles* é, em certo sentido, o “anti-western” definitivo. A “mise-en-scène” clássica de Ford ou Hawks é substituída por um carnaval de anacronismos e de humor físico. As armas disparam em ritmo de gag; os cavalos reagem a insultos raciais; o saloon transforma-se em palco de vaudeville. O filme alterna entre o pastiche e a crítica, nunca escolhendo um único tom, ora celebra o género, ora o destrói.

O humor é feroz, mas profundamente político. Brooks, descendente de imigrantes judeus e conhecedor da marginalidade social, faz de Bart um herói improvável: inteligente, elegante e irónico, ele vence não pela força, mas pela astúcia. É um símbolo da América que resiste à exclusão. Ao lado dele, Gene Wilder interpreta Jim, o pistoleiro alcoólico de coração puro, figura melancólica que traz uma sombra de humanidade ao delírio geral. A química entre ambos é notável, e a sua amizade torna-se o eixo moral da narrativa, uma espécie de reconciliação possível entre o velho e o novo, entre o branco e o negro ou entre a tradição e a mudança.

Formalmente, o filme é um laboratório de estilos. Brooks mistura o western clássico, a comédia burlesca, o musical e a metalinguagem cinematográfica. A cena em que a luta final rompe o cenário do estúdio e invade outros plateaus é um dos momentos mais delirantes do cinema americano dos anos 70. O realizador revela aí a sua consciência crítica: o Oeste é já uma ficção dentro da ficção, um palco onde a América representa eternamente o seu próprio mito. A quebra da quarta parede, o uso de referências explícitas a outros filmes, a presença de estereótipos levados ao limite do absurdo, tudo serve a ideia de que o cinema é, também ele, uma construção que deve ser questionada.

A música, de John Morris, reforça o espírito paródico: a canção-título, interpretada por Frankie Laine, imita com pompa o tom épico dos westerns de outrora, mas, logo a seguir, o filme sabota essa solenidade com piadas escatológicas e humor físico. Brooks joga constantemente com a expectativa do espectador, alternando o sublime e o grotesco, o poético e o vulgar. É um equilíbrio precário, mas intencional: a comédia torna-se um instrumento de desmascaramento.

Há em *Blazing Saddles* uma energia anárquica que o aproxima, em certa medida, do espírito de *Easy Rider* (que aqui foi exibido a semana passada) ambos filmes de rebeldia, de ruptura com a ordem cinematográfica e cultural. Mas enquanto Hopper filmava o desencanto com melancolia e silêncio, Brooks escolhe o riso como arma. A sua sátira é a gargalhada libertadora de quem já não tem medo de afrontar os tabus. O racismo, o machismo, a hipocrisia religiosa e política, tudo é posto em causa, e tudo é matéria de humor.

O filme causou escândalo na altura da estreia. Muitos estúdios recusaram-se a distribuí-lo por considerarem o conteúdo “demasiado ofensivo”. Hoje, seria provavelmente impossível fazer algo semelhante sem choverem acusações de “politicamente incorreto”. Mas é precisamente essa ousadia que lhe confere atualidade. Brooks percebeu que só o exagero podia revelar a verdade escondida sob o mito. Ao ridicularizar o racismo estrutural e o moralismo da América profunda, *Blazing Saddles* transformou a comédia em crítica social.

Como Cassavetes, que procurava a verdade emocional na improvisação dos actores, Brooks encontra a sua verdade na liberdade absoluta do riso. Ambos recusam o artifício e a autoridade do estúdio. Mas se Cassavetes filma o drama íntimo, Brooks encena o caos colectivo. A diferença é de tom, não de propósito.

O que *Blazing Saddles* propõe é, afinal, uma catarse: o riso como modo de pensar. Rir do western érir da própria América, do seu passado glorificado e do seu presente contraditório. O xerife negro que salva uma cidade racista é uma metáfora luminosa e cruel: a liberdade só sobreviverá se for capaz de rir de si mesma. E Brooks, com a sua inteligência de clown e a sua audácia de pensador, oferece-nos essa possibilidade.

Mais de meio século depois, *Blazing Saddles* mantém intacta a sua força iconoclasta. É simultaneamente um testamento do cinema americano e uma caricatura dele. Brooks mostra que o Oeste, esse território da lenda, é, afinal, apenas um grande palco onde se projetam os medos e as vaidades de uma nação. Ao fim e ao cabo, o que resta é o riso, esse gesto simples e subversivo que, como uma bala perdida, ainda hoje atravessa o mito e o desmonta.

*Lauro António*

---

**BALBÚRDIA NO OESTE** | Título original: *Blazing Saddles* | Realização: Mel Brooks (EUA, 1974)

**Argumento:** Mel Brooks, Norman Steinberg, Andrew Bergman, Richard Pryor, Alan Uger, segundo história de Andrew Bergman; **Produção:** Michael Hertzberg; **Música:** John Morris; **Fotografia (cor):** Joseph F. Biroc; **Montagem:** John C. Howard, Danford B. Greene; **Direção artística:** Peter Wooley; **Guarda-roupa:** Esther Geddes; **Som:** Richard Portman, Jack Solomon; **Efeitos sonoros:** The Burbank Studios Sound Department; **Direção de produção:** Mel Marshall; **Companhia de produção:** Crossbow Productions / Warner Bros.; **Distribuição original:** Warner Bros. Pictures; **Com:** Cleavon Little (Sheriff Bart), Gene Wilder (Jim, “The Waco Kid”), Slim Pickens (Taggart), Harvey Korman (Hedley Lamarr), Madeline Kahn (Lili Von Shtupp), Mel Brooks (Governor William J. Lepetomane / Indian Chief), David Huddleston (Olson Johnson), Liam Dunn (Reverend Johnson), John Hillerman (Howard Johnson), George Furth (Van Johnson), Alex Karras (Mongo), Jack Starrett (Gabby Johnson), Burton Gilliam (Lyle), Robyn Hilton (Secretária do Governador), Carol Arthur (Harriet Johnson), Don Megowan (Homem Grande), Richard Collier, Charles McGregor, entre outros; **Duração:** 93 minutos, **Classificação etária:** M/12 anos, **Distribuição:** Lusomundo, **Data de estreia em Portugal:** 1975 (estreia mundial: 7 de fevereiro de 1974, EUA).

---